

GT 12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades

ISSN 2177-3688

**A DIMENSÃO INTERCULTURAL DA INFORMAÇÃO NOS MONUMENTOS DA AMÉRICA DO
SUL**

THE INTERCULTURAL DIMENSION OF INFORMATION ON MONUMENTS IN SOUTH AMERICA

Igor Oliveira da Silva - Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Gracy Kelli Martins - Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Resumo: Este trabalho objetiva analisar como o Paradigma Intercultural emergente na Ciência da Informação se inter-relaciona com o Patrimônio Cultural e com a Memória Nacional dos países sul-americanos. Para isso, contextualiza as manifestações empreendidas pelos movimentos sociais em torno dos monumentos históricos considerados polêmicos por homenagearem líderes do período colonial, tidos como heróis em seu contexto histórico, mas que atualmente são considerados dissidentes da história por compactuarem com o escravismo e extermínio de povos ameríndios e afrodescendentes. Foi realizada uma pesquisa exploratória, por meio da revisão bibliográfica, como procedimento metodológico para a construção deste estudo. Apresenta como resultado o contramonumento relacionado aos seguintes personagens históricos: General Julio Argentino Roca (Argentina); Isabel I (Bolívia); Manuel de Borba Gato (Brasil); General Manuel Baquedano (Chile); Sebastián de Belalcázar (Colômbia); Rainha Vitória (Guiana); Francisco Pizarro González (Peru) e Cristóvão Colombo (Venezuela), destacando a contribuição de cada personagem na formação do território nacional e na perseguição aos povos ameríndios e afrodescendentes. Concluiu-se que, para além de retirar os monumentos dos líderes que compactuaram com o extermínio, deve-se visibilizar outros saberes e construtos memorialísticos formados a partir de uma perspectiva não eurocêntrica.

Palavras-chave: Contramonumento; memória nacional; paradigma intercultural.

Abstract: This work aims to analyze how the emerging Intercultural Paradigm in Information Science interrelates with the Cultural Heritage and the National Memory of South American countries. For this, it contextualizes the manifestations undertaken by social movements around historical monuments considered controversial for honoring leaders of the colonial period, considered heroes in their historical context, but who are currently considered dissidents of history for collaborating with slavery and the extermination of Amerindian peoples. and people of African descent. Conducts exploratory research through bibliographic review, as a methodological procedure for the construction of this study. It presents as a result the Countermonument related to the following historical characters: General Julio Argentino Roca (Argentina); Isabel I (Bolivia); Manuel de Borba Gato (Brazil); General Manuel Baquedano (Chile); Sebastián de Belalcázar (Colombia); Queen Victoria (Guyana); Francisco Pizarro González (Peru) and Christopher Columbus (Venezuela), highlighting the contribution of each character in the formation of the national territory and in the persecution of Amerindian and Afro-descendant peoples. It was concluded that, in addition to removing the monuments of the leaders who agreed with the extermination, other knowledge and memorialistic constructs formed from a non-Eurocentric perspective should be made visible.

Keywords: Countermonument; National memory; Intercultural paradigm.

1 INTRODUÇÃO

A Ciência da Informação (CI), cuja origem remonta à década de 1960, tem passado por constantes transformações para atender aos avanços informacionais da sociedade contemporânea. Assim, nos dias de hoje, a CI tem buscado novas formas de se relacionar com a sociedade, sobretudo situada no tocante à produção, ao uso e à apropriação da informação, de maneira que a informação enquanto fenômeno dinâmico e mutável passa a ser recontextualizada no âmbito sociocultural, a fim de contemplar diferentes discursos, saberes e conhecimentos até então marginalizados.

Em uma perspectiva paradigmática, Duque-Cardona (2020) propõe o paradigma intercultural como uma forma de analisar os discursos subalternos, desenvolvidos em latitudes não ocidentais. Para evidenciar o conhecimento epistemológico excluído, Santos e Meneses (2009, p. 12), designam o conceito de Epistemologia do Sul: “o Sul aqui é concebido metaforicamente como um campo de desafios epistêmicos, que procuram reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo”. Visando evidenciar o conhecimento situado na América Latina e no Caribe, Duque-Cardona e Silva (2021), retomam o termo *Abya Yala* – denominação histórica do continente americano na língua kuna – para indicar a produção do conhecimento por povos ameríndios que habitaram/habitam essa terra.

Nesse contexto, os pesquisadores vinculados à CI têm se empenhado para conhecer as práticas culturais de diferentes grupos sociais, entendidos como “atores fundamentais na produção da informação local e nos ciclos de transferência social da informação, constituindo igualmente uma ponte fundamental entre a universidade, e a sua informação científica, com a sociedade e a informação local” (DUQUE-CARDONA, 2020, p. 46). Ao estabelecer um diálogo com a realidade social, os pesquisadores têm se debruçado sobre a relação existente entre Informação, Memória Nacional e Patrimônio Cultural, visando evidenciar a produção do conhecimento local e fomentar políticas públicas de valorização das diferentes formas de existir no mundo.

Dessa forma, este trabalho objetiva analisar como o Paradigma Intercultural emergente na Ciência da Informação (Duque-Cardona, 2020), se inter-relaciona com o Patrimônio Cultural e com a Memória Nacional dos países situados na América do Sul. Para

isso, apresenta o conceito de contramonumento, associado aos acontecimentos dos últimos anos, em que integrantes dos movimentos sociais reivindicam a representatividade identitária, cultural ou política de personagens que perseguiram e dizimaram os povos ameríndios. Nesses protestos, os monumentos em homenagem a personalidades históricas associadas à exploração e à escravização de povos ameríndios e afrodescendentes são questionados mediante as histórias não contadas e pedidos de remoção acontecem em meio às manifestações que propagam o conhecimento pouco divulgado sobre esses personagens.

Este trabalho, que analisa as peculiaridades de cada país, se justifica pelo interesse do pesquisador nas questões que envolvem o patrimônio cultural e a Memória Nacional relacionada aos aspectos geográficos. Nessa perspectiva, esta pesquisa contribui com a disseminação do conhecimento que contempla o discurso dos povos ameríndios, reforçando o sentimento de justiça e igualdade entre culturas e, por conseguinte, auxilia na produção científica dos estudos decoloniais, por adotar o entendimento do patrimônio na perspectiva não ocidental.

2 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Metodologicamente, trata-se de um artigo teórico, de cunho qualitativo, com recorte temporal limitado às manifestações sociais realizadas nos últimos vinte anos (2003-2023) e com recorte espacial ampliado aos protestos ocasionados nos países da América do Sul: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Guiana, Peru e Venezuela. Excluiu-se da análise: Equador, Paraguai, Suriname, Uruguai e Guiana Francesa (território ultramarino da França que não se constitui um país), pela ausência de registros evidentes que mostrem a realização de manifestações em torno de monumentos dedicados aos 'líderes' do período colonial. Este trabalho adota como procedimento metodológico a revisão bibliográfica, foram utilizados jornais on-line para coletar as notícias midiáticas que discorrem sobre as manifestações empreendidas pelos integrantes dos movimentos sociais, no âmbito da América do Sul. Para cada país, selecionou-se um jornal que evidenciasse como aconteceram as manifestações no país analisado.

3 ENLACES ENTRE O PARADIGMA INTERCULTURAL E O CONTRAMONUMENTO

As abordagens teórico-metodológicas da Ciência da Informação têm evoluído paulatinamente ao longo dos últimos anos. Capurro (2003) discorre sobre três perspectivas

paradigmáticas na CI: o paradigma físico, desenvolvido entre o ano de 1945 e a década de 1970, que recebeu influência da teoria matemática da informação, de Shanon e Weaver; o cognitivo, formulado entre as décadas de 1970 e 1980, em que o sujeito que se encontra em um estado anômalo de conhecimento buscando novas informações para preencher lacunas; e o social, que surge nos anos 1990, no qual as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) estreitam as relações sociais, num cenário globalizado por viabilizar a produção, consumo e disseminação de informação de forma mais rápida e eficaz.

Cada paradigma possui uma abordagem teórica em um contexto específico para atender demandas específicas de uma época, por isso sua vigência está posta em xeque cada vez que novos problemas do ponto de vista informacional surgem. Pensando em abordar a realidade social no âmbito da pesquisa científica, Duque-Cardona (2020), propõe uma revolução científica ao paradigma social de Capurro (2003), sendo este o paradigma intercultural, que se baseia nos estudos culturais e epistemologias do Sul, conforme assevera a autora: “assim como historicamente foram geradas reflexões que permitiram passar de um paradigma físico para um cognitivo e depois para um social, hoje é iminente a necessidade de pensar um paradigma intercultural de CI” (DUQUE-CARDONA, 2020, p. 62).

Nessa perspectiva paradigmática, a abordagem intercultural no contexto universitário constitui uma forma melhor de se relacionar com a sociedade, atribuindo o devido valor ao conhecimento local e regional não legitimados pelos colonizadores. Segundo a autora, “a interculturalidade é tomada como um quadro analítico, a partir do qual se observam elementos da cultura que não foram considerados historicamente, pois foram relegados pela ciência” (DUQUE-CARDONA, 2020, p. 59). Na estruturação do quadro analítico, o pesquisador deve adotar uma abordagem relacional, não pautada apenas na perspectiva hegemônica do conhecimento, deixada pelos ocidentais, mas evidenciando também a produção dos diferentes saberes, inclusive aqueles que foram excluídos e inferiorizados ao longo dos anos, como uma forma de contribuir com a emancipação intelectual e social dos saberes. Conforme a autora:

A possibilidade de um paradigma intercultural permite, mais do que reinventar, observar com uma lente diferente da habitualmente utilizada, dando origem a outros saberes, epistemes e discursos, que nos permitem alargar o olhar sobre a informação, por exemplo, em termos de produção e transferência de conhecimento local (DUQUE-CARDONA, 2020, p. 66)

A interculturalidade pode ser vista como uma forma de conhecer a cultura de outros grupos diferentes daquele em que estamos inseridos, permitindo ampliar o campo de visão e compreender a realidade social de grupos que são subalternizados. Para compreender diferentes realidades culturais, a Ciência da Informação tem se empenhado junto ao movimento de decolonização e enfrentamento do colonialismo, dirigindo um olhar para as diferenças e as interseccionalidades, a fim de evidenciar o legado sociocultural e o científico silenciados em decorrência das relações de poder e de dominação. Para isso, considera ameríndios e afrodescendentes como agentes informacionais detentores de narrativas próprias que foram renegadas e subalternizadas ao longo dos anos.

A América Latina e o Caribe, *Abya Yala*, por se tratar de um continente colonizado por espanhóis e portugueses, além dos afrodescendentes que para cá vieram, tornou-se o continente da diversidade biológica e cultural, surgindo porém dois tipos de memória na constituição das nações: as práticas coloniais originaram dois grupos de memórias contrapostas: um grupo composto pelos colonizadores, detentores do poder, que conseguiu se estabelecer e firmar seu legado memorialístico na cultura material exposta em instituições de memória e em espaços públicos como as praças; e outro grupo formado pelos colonizados, vítimas da violência histórica que tiveram seus valores culturais invisibilizados e suas memórias apagadas. Em tese, a chegada dos colonizadores apagou a memória originária dos ameríndios.

Nesse sentido, pode-se interpelar sobre a dimensão cultural da informação, onde os monumentos públicos têm ocupado uma discussão na tomada de consciência sobre o que está posto nos registros do conhecimento, tais como os livros de história e demais fontes de informação que narram o processo de colonização da *Abya Yala*. Ao relacionar os monumentos com a informação, percebe-se que, apesar de os monumentos serem uma personificação dos personagens e de toda uma estrutura de poder coisificadas pela Memória Nacional, a informação tem um caráter dinâmico e passível de múltiplas leituras e novas significações.

Os monumentos públicos são construídos como uma forma de eternizar personas ditas como heróis na Memória Nacional. Porém, ao lançar luz sobre a dimensão intercultural do conhecimento, percebe-se que os mesmos personagens podem ser considerados dissidentes de uma história heroica por compactuarem com o extermínio de povos originários tais como ameríndios e afrodescendentes. Esse movimento é sustentado pelos grupos pertencentes às

novas gerações, que, ao se apropriarem das informações, desenvolvem uma percepção de si e do outro, atribuindo novos sentidos aos valores culturais, em um constante processo de resignificação que reivindica a representação das suas identidades originárias na constituição do Patrimônio Cultural e contesta a Memória Nacional, forjada por um grupo restrito da elite detentora do poder.

Diante das ações reivindicatórias, surge o contramonumento, tido como um dispositivo cultural que visa decolonizar os monumentos erguidos nos espaços públicos que reverenciam a memória de líderes que compactuaram com o colonialismo/escravismo. O contramonumento é um movimento contrário aos símbolos do colonialismo, considerado como um espaço de reivindicação discursiva que dá voz aos silenciados e esquecidos no transcorrer dos últimos cinco séculos. Nele, a noção de lugar de memória passa a ser questionada numa tentativa de reparação histórica e social por meio de manifestações que discursam uma releitura dos fatos narrados ou praticados por aqueles que aparecem nos monumentos.

O contramonumento, é a oposição que resta à pretensão última do perpetrador, que não é outra senão tornar-se dono de uma versão, de uma narrativa, de uma parte da história que sobreviverá ao futuro, com o qual aspirará ser salvo pela história ou por quem decidir escrevê-la (DIMAS, 2018, p. 08).

Para mobilizar os membros integrantes, os movimentos sociais fazem uso dos dispositivos móveis e das plataformas de mídia social para compartilhar suas dores, seus sofrimentos, mas também para reverberar suas lutas e resistências na tentativa de encontrar o *locus* de enunciação que lhe é próprio, frente aos desafios impostos por uma sociedade patriarcal e colonialista. As reivindicações pela representação da identidade dos ameríndios e afrodescendentes visam democratizar o Patrimônio Cultural e para isso a informação é um mecanismo indispensável para geração de novos conhecimentos e discursos que fortaleçam o contramonumento, gerando as conquistas sociais almejadas pelos grupos sociais.

Dessa forma, diferentes manifestações sociais surgiram nos últimos anos na Europa e na América Latina. Ao especificar a América do Sul, países como Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Guiana, Peru e Venezuela tornaram-se cenários de protestos noticiados por uma gama de matérias jornalísticas, sendo possível analisá-las para que tenhamos ideia das proporções que as manifestações tomaram no Brasil e nos países vizinhos.

4 O CONTRAMUNUMENTO NOS PAÍSES DA AMÉRICA DO SUL: UMA ANÁLISE

Ao analisar o contramonumento no contexto da América do Sul, constatou-se que cada país possui particularidades no modo de expor suas reivindicações discursivas, porém todas as reiniciações possuem confluência de narrativas que combatem o colonialismo ibérico e a representatividade nos monumentos que homenageiam líderes escravocratas e genocidas. Dessa forma, mesmo se tratando de personagens com diferentes trajetórias políticas, é possível identificar similaridades no contexto sociopolítico em que os monumentos estão inseridos. Assim, identificou-se a existência de oito manifestações sociais em espaços públicos de países da América do Sul:

Quadro 01 - Contramonumento na América do Sul

PAÍS	PERSONAGEM
Argentina	General Julio Argentino Roca (1843-1914)
Bolívia	Isabel I (1451- 1504)
Brasil	Manuel de Borba Gato (1649 – 1718)
Chile	General Manuel Baquedano (1823 – 1897)
Colômbia	Sebastián de Belalcázar (1480 - 1551)
Guiana	Rainha Vitória (1819 – 1901)
Peru	Francisco Pizarro González (1478 – 1541)
Venezuela	Cristóvão Colombo (1451 – 1506)

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Após esse levantamento, segue-se com a análise das narrativas midiáticas que mostram como os novos movimentos sociais se mobilizam nas lutas por reparações históricas.

4.1 Argentina

Na Argentina, o personagem analisado é o General Julio Argentino Roca (1843-1914), que atuou na política nacional durante a segunda metade do século XIX. Enquanto general, Roca liderou o movimento conhecido por Conquista do Deserto (SILVA, 2017), composta por expedições militares que objetivou expandir o poder político concentrado em Buenos Aires para todo o território argentino e “civilizar” a sociedade argentina. O movimento gerou uma série de conflitos com os povos indígenas por restringir as atividades agrícolas e impor a religião católica aos nativos, ocasionado milhares de prisões e mortes das populações indígenas.

A ‘Conquista do Deserto’ fundamentou-se no extermínio físico e homogeneização cultural da nação Mapuche que tradicionalmente vivia naquele território. Os prisioneiros, muitos dos quais eram mulheres e crianças, foram separados, vendidos a famílias ricas de Buenos Aires ou

então levados a grandes fazendas no interior para trabalhar em condições não muito diferentes da escravidão (SILVA, 2017, p. 120)

Como pode-se perceber, apesar de sua contribuição para a expansão territorial, o General Roca foi responsável pela dizimação dos povos indígenas. Ainda assim, o governo local ergueu um monumento em sua homenagem para forjar uma narrativa heroica e eternizá-lo na Memória Nacional da Argentina, expondo-o em um espaço público da cidade de Neuquén, localizada no sul do país. O monumento ganhou notoriedade no dia da Diversidade Cultural, em 2012, após integrantes de um movimento social realizarem intervenção sob o lema “Vamos desmontar a Roca”, para denunciar as atrocidades do general contra os ancestrais indígenas. Conforme o jornal argentino *La Neuquén* (2012, não paginado, tradução nossa), “O monumento foi totalmente coberto com um pano preto e em torno dele havia inscrições que diziam: ‘12 de outubro, nada para comemorar, muito para recordar’”. Ainda segundo o mesmo periódico, também foram colocados cartazes com a legenda “Povos Originais” e o símbolo da Justiça.

4.2 Bolívia

Na Bolívia, tem-se a figura emblemática de Isabel I (1451- 1504), cognominada por Isabel, a Católica. A rainha dos reinos ibéricos de Castela e Leão apoiou Cristóvão Colombo (1451 – 1506) na missão que o levaria a “descobrir” o continente americano. Após a conquista da América, em 1492, disponibilizou recursos aos colonos e aos padres, para o início do colonialismo espanhol e do processo de evangelização dos indígenas que instituiria uma unidade de crença. Além disso, nomeou inquisidores para perseguir, torturar e condenar judeus e muçulmanos, uma prática aceitável na Europa dos séculos XV e XVI. Conforme Tremlett (2018, p. 23), nesse período “limpeza étnica ou religiosa, escravização e intolerância não eram vistas com maus olhos. Podiam, na verdade, ser virtuosas”. Tal perseguição culminou na expulsão destes do território da Espanha.

Apesar das perseguições religiosas, ficou conhecida como uma mulher dotada de força, determinação e coragem, valores fundamentais para demonstrar seu poderio em um monumento exposto em praça pública na cidade de La Paz. Em meio ao movimento do contramonumento, no ano de 2020, o coletivo *Mujeres Creando*, conhecidas por suas performances, atividades artísticas e provocações no espaço público, realizou uma manifestação social na área residencial nobre das embaixadas. Durante a manifestação, as

mulheres indígenas integrantes do grupo revestiram a estátua com roupas indígenas como forma de demonstrar repúdio ao catolicismo e de reivindicar o lugar da mulher indígena na sociedade. Conforme Verne María Galindo, fundadora e integrante do coletivo:

O colonialismo espanhol traz a figura da mulher branca e estabelece, em todo o continente, um modelo de mulher, de beleza e virtude, um sujeito muito específico da feminilidade que funciona até hoje nas sociedades latino-americanas. A mulher não branca é, por excelência, o feio, o indesejado, o destinado aos trabalhos mais baratos e difíceis. (CRIALES; BARRAGÁN, 2020)

Tal afirmação reforça a necessidade de implementar novas leituras epistemológicas que contemplem diferentes realidades culturais como forma de contribuir com as lutas sociais travadas pelas mulheres indígenas.

4.3 Brasil

No Brasil, tem-se como figura central o bandeirante paulista Manuel de Borba Gato (1649-1718), comandante das expedições que desbravou os sertões e contribuiu para o processo de interiorização do território brasileiro. Nesse processo, os bandeirantes realizaram busca por metais preciosos como ouro, além da escravização de indígenas para compor mão de obra. Durante o processo de captura pelos bandeirantes, os nativos que demonstrassem resistência eram mortos. Apesar disso, construiu-se um monumento na década de 1960, para fazer homenagem ao bandeirante. Conforme Almeida (2021, p. 58), “não é que seja falso que ele foi um bandeirante brasileiro que desbravou os sertões, mas na verdade é incompleto e, portanto, a estátua sem a devida mediação que contextualize esses fatos, dissemina uma pseudoinformação”.

A fim de questionar a representação de Borba Gato como herói nacional e evidenciar a completude das narrativas em torno do monumento, o coletivo Revolução Periférica, realizou no ano de 2021, manifestações sociais na cidade de São Paulo que culminaram com a queima do monumento. Conforme o jornal *El País*, o grupo evidenciou o caráter genocida do bandeirante por meio de “críticas pelo papel de Borba Gato no avanço colonizador ao interior do país na época da mineração, tomando terras e escravizando indígenas e negros” (MERCIER, 2021). O ato chamou atenção da população nas redes sociais e reacendeu a discussão sobre o legado histórico-social do bandeirante na composição dos símbolos integrantes da Memória Nacional brasileira.

4.4 Chile

No Chile, destaca-se a figura do general Manuel Jesús Baquedano González (1823-1897), que, enquanto tenente do exército chileno, participou da Ocupação da Araucanía (1860-1883), conflito ocasionado no sul do Chile que resultou na conquista de espaços ocupados historicamente pelos povos Mapuches. Durante o conflito, houve resistência por parte dos líderes indígenas que comandavam a área. Lazaro (2020, p. 16) afirma que “contra o levantamento indígena liderado por Quillapán e outros caciques Mapuches, Baquedano foi requerido pelo general José Manuel Pinto Arias para o enfrentamento na região de Malleco e Renaico”. Durante a disputa pela ocupação do território, milhares de mapuches foram assassinados e os demais sobreviventes foram despojados de suas terras ancestrais, restringidas a pequenas reservas, chamadas de “reduções” (LAZARO, 2020, p. 16).

Apesar de todo extermínio causado pelo general Baquedano, instalou-se, na década de 1920, na Praça da Baquedano – rebatizada Praça da Dignidade –, localizada no centro de Santiago, um monumento em sua homenagem. No entanto, em uma perspectiva contemporânea, o local tem sido ponto de concentração para realização de manifestações por parte dos integrantes da sociedade chilena que demonstram suas insatisfações sociais. Conforme o jornal *Brasil de Fato*, no ano de 2018 iniciou-se um “repúdio à memória do militar” (GIOVANAZ, 2021), onde os manifestantes passaram a pichar a estátua de várias cores. A intervenção ganhou maior proporção no ano de 2021, quando os manifestantes incendiaram a estátua e tentaram derrubá-la. O registro fotográfico de Susana Hidalgo ganhou o mundo rapidamente, ainda conforme o jornal, “o contraste entre a fumaça dos incêndios provocados por ativistas, a luz do fim da tarde, as cores das bandeiras do Chile e do povo mapuche, no topo do monumento de Baquedano, deu contornos épicos ao registro” (GIOVANAZ, 2021).

4.5 Colômbia

Na Colômbia, evidencia-se o colono espanhol Sebastián de Belalcázar (1480-1551), que no início do século XIX invadiu, com suas tropas, o Sul do país, para se apropriar das terras pertencentes aos povos indígenas e “fundar” cidades como as de Popayán e Cali. A chegada dos espanhóis deu início a uma série de perseguições aos nativos, que foram expulsos de suas terras, sendo refugiados em cidades vizinhas. Para que a apropriação das terras acontecesse, os colonizadores tiveram de exterminar os povos indígenas, conforme Durán (2020, p. 139),

“Belalcázar foi um destruidor de povos Popayán e Cali que foram atacados, massacrados, neutralizados e escravizados durante o processo de colonização”.

Em meio aos protestos ocasionados nos últimos anos, alguns monumentos que foram construídos em memória de Sebastián de Belalcázar, foram derrubados. No ano de 2020, a cidade de Popayán foi cenário para a derrubada do monumento, no ano seguinte, em Cali, um grupo de indígenas Misak, em meio aos protestos contra a violência que enfrentaram historicamente, derrubaram seu monumento com cordas. Conforme o jornal *El País*, os líderes indígenas afirmaram: “derrubamos Sebastián de Belalcázar em memória de nosso cacique Petecuy, que lutou contra a coroa espanhola, para que hoje, nós, seus netos e netas, continuemos lutando para mudar este sistema de Governo criminoso que não respeita os direitos da mãe terra” (TORRADO, 2021).

4.6 Guiana

A Guiana foi o único território colonizado por ingleses e, embora não seja um país latino, faz parte da América do Sul e com ela interage. Aqui, problematizamos a figura da Rainha Vitória (1819-1901), monarca da Grã-Bretanha durante o século XIX. Para ampliar as ações imperialistas da Grã-Bretanha, os colonos exploraram a região da então Guiana Inglesa, ocupando as terras dos indígenas que já habitavam o território antes da chegada dos europeus. Para a Guiana, também foram levados escravos, onde, de acordo com Cavlak, (2013, p. 05), “na virada do XVI para o XVII, ao longo do Rio Essequibo (Guiana), habitavam 66 europeus e 854 escravos, a serviço da Companhia das Índias Ocidentais”.

Para inseri-la na Memória Nacional da Guiana, confeccionou-se no final do século XIX, um monumento em sua homenagem como símbolo do apogeu do Império Britânico. No entanto, após a conquista da independência tardia e de tornar-se uma República Cooperativa em 1970, a estátua da Rainha Vitória foi transferida para o Jardim Botânico. Apesar disso, em 1990, a estátua foi restaurada e recolocada em frente ao Supremo Tribunal de Judicatura em Georgetown. Conforme o jornal *Kaieteur News* (2018), “tem havido debate se a estátua, uma lembrança dos dias coloniais quando a Grã-Bretanha governou a Guiana, deve ser removida”. Assim, durante as manifestações sociais ocasionadas no ano de 2018, integrantes de movimentos sociais derramaram uma substância líquida vermelha sobre o monumento da Rainha Vitória, que estava em frente ao Supremo Tribunal de Judicatura, em protesto ao

legado do domínio britânico e à herança colonial da Inglaterra, que se apoderou do país durante a exploração do território.

4.7 Peru

No Peru, destaca-se a figura do conquistador espanhol Francisco Pizarro González (1478-1541), que, após obter a concessão e capitulações para a possível conquista, realizou uma expedição em 1532 e chegou à região de Cajamarca, habitada pelos Incas, no Peru. Conforme Vázquez (2013, p. 99), “quando Pizarro e sua expedição chegaram a Cajamarca, foram recebidos por um homem de Atahualpa que lhe disse para não se abrigar até que o rei Inca desse uma ordem, à qual Pizarro não obedeceu”. A partir daí iniciaram-se uma série de sucessivos confrontos, Pizarro escravizou e matou milhares de Incas para conquistar as terras dos nativos, chegando a tornar-se governador do Peru.

Apesar de toda sua trajetória, inaugurou-se em Lima, no ano de 1935, um monumento em homenagem ao explorador tido por alguns como herói e civilizador. No entanto, nos últimos anos, o monumento tem sido alvo de manifestações que buscam sua retirada, pela ausência de representatividade cultural dos povos ameríndios. Conforme o jornal *Atlas Obscura*, “o monumento ao conquistador tornou-se cada vez mais polêmico na própria cidade que ele fundou” (DUNNELL, 2018, não paginado). A realização dos movimentos sociais, desperta a atenção dos peruanos que passam a se conscientizar do legado escravocrata, “vendo o fundador da cidade como nada mais do que um invasor e um criminoso” (*Ibidim.*, não paginado).

4.8 Venezuela

Na Venezuela, tem-se a figura emblemática de Cristóvão Colombo (1451–1506), explorador genovês, responsável por comandar a frota que alcançou o continente americano. Ao analisar o contexto histórico da primeira viagem de Colombo, Todorov (1983) descreve a percepção que os espanhóis tiveram dos ameríndios, em que Colombo considerava os nativos desprovidos de qualquer propriedade cultural, tais como costumes, ritos e religião, “tendo aprendido a conhecer os astecas, os espanhóis os tenham considerado tão desprezíveis que os tenham declarado, eles e sua cultura, indignos de viver” (TODOROV, 1983, p. 71). As diferenças culturais geraram uma série de perseguições aos nativos, de forma que “o século

XVI veria perpetrar-se o maior genocídio da história da humanidade” (TODOROV, 1983, p. 05).

Ainda assim, vários monumentos foram construídos em diversas partes do mundo em alusão ao explorador genovês considerado um herói pela narrativa europeia. No caso específico da Venezuela, construiu-se, em 1904, na Plaza Venezuela, um monumento em sua homenagem. Anos depois, em meio aos protestos sociais, iniciaram-se as polêmicas em torno do monumento, conforme o jornal *ReVista* (STRAKA, 2021), “a primeira estátua derrubada na Venezuela foi precisamente a de Colombo em 2004”, em meio às lutas que enfrentaram os conservadores para colocar em pauta o projeto de liberdade. Conforme Marques (2020, p. 11), no *Día de la Resistencia Indígena*, daquele mesmo ano, um grupo de venezuelanos fizeram um julgamento simbólico de Colombo por sua tirania e seus crimes de genocídio, pelos quais foi condenado, e cuja pena cumprida pela estátua erigida em praça pública.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo objetivou analisar como o Paradigma Intercultural emergente na Ciência da Informação se inter-relaciona com o Patrimônio Cultural e com a Memória Nacional dos países sul-americanos. Com essa análise, constatou-se que a Ciência da Informação tem levado em consideração a contribuição social do conhecimento derivada das experiências vivenciadas pelos grupos ameríndios e afrodescendentes e seus ancestrais. Para isso, o paradigma intercultural proposto por Duque-Cardona (2020) nos ajuda a compreender que a realidade social posta aos monumentos históricos não está limitada ao discurso histórico construído pelos “vencedores”.

Nesse contexto, o contramonumento, que objetiva evidenciar o discurso associado a uma perspectiva decolonial, contribui com as lutas dos ameríndios e africanos escravizados que cumpriram um papel central na construção da nacionalidade colonial e pós-colonial, mas que ainda assim são socialmente excluídos. Nesse percurso de reivindicação discursiva, percebe-se que o processo de recordar e esquecer é itinerante e que com o passar dos anos os grupos se conscientizam de suas dores e sofrimentos e se unem para encontrar seu locus de enunciação e lutar por reparações históricas.

Nesse enquadramento teórico, apresentou-se como resultado o Contramonumento relacionado aos personagens: General Julio Argentino Roca (Argentina); Isabel I (Bolívia); Manuel de Borja Gato (Brasil); General Manuel Baquedano (Chile); Sebastián de Belalcázar

(Colômbia); Rainha Vitória (Guiana); e Francisco Pizarro González (Peru). Evidenciar o contexto histórico-social desses personagens contribuiu para perscrutarmos alguns caudilhos regionais da América do Sul, que mesmo diante das particularidades do *modus operandi* de cada um, contribuíram com o silenciamento das vozes dos grupos ameríndios, tornando-se narradores do processo histórico de formação apenas na perspectiva eurocêntrica.

Assim, espera-se que este trabalho suscite novas reflexões sobre as consequências do colonialismo, de forma que a produção do conhecimento científico continue contribuindo com o processo de decolonização e com as lutas dos grupos minoritários por legitimação histórico-social, sem que sejam violados os direitos daqueles que aguardam por reparações históricas e por justiça social indispensáveis para o reconhecimento da identidade histórica dos grupos subalternizados e para a constituição da memória das nações.

REFÊRENCIAS

ALMEIDA, Vitória Gomes. **Patrimônios e Matrimônios**: Intersecções entre (de)colonialidades, raça, gênero e memória. 2021. Tese (Doutorado) – Ciência da Informação, Universidade Federal da Paraíba, UFPB, 2021.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CAVLAK, Iuri. A História do Norte da América do Sul: Brasil, Guianas e Suriname. In.: XXVII Simpósio Nacional de História, 2013. **Anais [...]**. Natal: ANPUH/RN, 2013.

CRIALES, José Pablo; BARRAGÁN, Almudena. Un grupo de activistas interviene la estatua de Isabel la Católica en La Paz con ropa de mujer indígena. **Verne.elpais**. 12 out. 2020. História. Disponível em: verne.elpais.com/verne/2020/10/13/mexico/1602547344_629l. Acesso em: 20 jun 2023.

DIMAS, Adrian Serna. Monumento e contra-monumento. **Esfera**, Bogotá, Colômbia, v. 8, 2018. p. 3-8.

DUNNELL, Tony. Francisco Pizarro Statue. **Atlas Obscura**. 9 fev. 2018. Disponível em: <https://www.atlasobscura.com/places/francisco-pizarro-statue>. Acesso em: 30 jun. 2023.

DUQUE-CARDONA, Natalia. ¿Ciencia de la Información para qué y para quién? Aproximación a los paradigmas de la Ciencia de la Información en el contexto universitario. In.: DUQUE-CARDONA, Natalia; SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. **Epistemologias Latino-Americanas na Biblioteconomia e Ciência da Informação**: Contribuições da Colômbia e do Brasil. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora. 2020.

DUQUE-CARDONA, Natalia; SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. **Epistemologias Latino-Americanas na Biblioteconomia e Ciência da Informação**: bibliotecas desde abya yala e as sociedades e culturas na perspectiva sul. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora. 2021.

DURÁN, Gonzalo Buenahora. Sebastián de Belalcázar: fundador de ciudades, destructor de pueblos. **Administración & desarrollo**, [s./l.], v. 50, n. 2, 2020.

GIOVANAZ, Daniel. Por que o local da foto símbolo dos protestos de 2019 é disputado até hoje no Chile. **Brasil de fato**. Memória, 2021. Disponível em: brasildefato.com.br/2021/04/16/. Acesso em: 30 jun. 2023.

KAITEUR NEWS. Red-faced: The Queen Victoria. **Kaiteur news**. Georgetown, Guiana, 06 jun 2018. Disponível em: kaiteurnewsonline.com/2018/06/06/red-faced-the-queen-victoria. Acesso em: 30 jun. 2023

LAZARO, Fernanda. A luz de um vermelho entardecer: os protestos no Chile a partir da fotografia de Susana Hidalgo. **Mosaico**, [s./l.], v. 12, n. 18, 2020. Disponível em: bibliotecadigital.fgv.br. Acesso em: 03 jun. 2023.

LM NEUQUÉN. **Intervinieron el monumento a Julio Argentino Roca en Neuquén**. Lm Neuquén. 12 out. 2012. (Regional). Disponível em: lmneuquen.com/intervinieron-el-monumento-julio-argentino-roca. Acesso em: 30 jun. 2023

MARQUES, Cristiélén Ribeiro. **Monumentos na américa latina**: estátuas de quem, para quem e para quê? Preprint, 2020.

MERCIER, Daniela. Estátua de Borba Gato, símbolo da escravidão em São Paulo, é incendiada por ativistas. **El País**, São Paulo, 24 jul. 2021. Brasil. Disponível em: brasil.elpais.com. Acesso em: 30 jun. 2023.

STRAKA, Tomás. The Political Life of Statues. **ReVista**. 20 ago 2021. Disponível em: revista.drclas.harvard.edu/the-political-life-of-statues/. Acesso em: 30 jun. 2023

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009. 532 p.

SILVA, Luciana Romão da. Memória e espaços em disputa em San Carlos de Bariloche: o caso do monumento ao Gen. Roca no Centro Cívico. **Revista ARA**, São Paulo, n. 3, 2017. (Grupo Museu/Patrimônio FAU-USP).

TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América A Questão do Outro**. Martins Fontes 2ª ed. Tradução de Beatriz Perrone Moi. 1983.

TORRADO, Santiago. Indígenas derrubam estátua de colonizador espanhol em protestos contra as reformas na Colômbia. **El país**, Bogotá, 28 abr. 2021. Internacional. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/>. Acesso em: 13 de jun. 2023.

TREMLETT, Giles. **Isabel de Castela**: a primeira grande rainha da Europa. Tradução de Geni Hirata. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

VÁZQUEZ, Óscar Ferreiro. El destino del Tahuantinsuyo en manos de un intérprete. **Mutatis Mutandis**, [s./l.], v. 6, n. 1. 2013. p. 96-112. Disponível em: revistas.udea.edu.co/. Acesso em 30 jun. 2023.